
Apêndice 6

Perguntas Sobre o Modelo Neotestamentário

- **Pergunta:**

“Existe um modelo para a igreja?”

- **Resposta:**

Pregadores capacitados têm informado erroneamente jovens e adultos, afirmando que as epístolas do Novo Testamento são “uma coletânea de cartas de amor e cartas de amor não contêm regras”. Na verdade, o amor permeia todo o Novo Testamento, mas ele pronuncia uma bênção somente para os que andam segundo uma certa “regra” (gr.: *kanon*; Gálatas 6:16).

Alguns dizem que “as cartas de amor não contêm regras”, mas as cartas de amor do Novo Testamento baseiam-se na “lei de Cristo” (Gálatas 6:2).

Outros dizem: “Vamos praticar o amor, mas sem doutrina”. Todavia, certo homem inspirado escreveu a um jovem pregador instruindo-o a “cuidar” da “doutrina” e “aplicar-se” à doutrina, pois “fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (1 Timóteo 4:13, 16).

Alguns ridicularizam a idéia de um modelo. Todavia,

uma costureira, ao fazer um vestido novo, considera muito útil o uso de um modelo, um molde. Um estudante, que está aprendendo a escrever o alfabeto, copia um modelo fornecido pelo seu professor. Jesus deixou um “exemplo” para que os cristãos “seguissem os Seus passos” (1 Pedro 2:21).

OS MODELOS DADOS POR DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

Foi Deus, e não professores fora de moda, quem iniciou o que alguns pregadores modernos condenam como “teologia do modelo”. Deus forneceu um modelo para a adoração no tempo de Abel. Visto que Abel ofereceu seus sacrifícios pela fé (Hebreus 11:4), e visto que a fé vem de se ouvir a Palavra (Romanos 10:17), é evidente que Deus especificou o sacrifício animal, e não vegetal (Gênesis 4:4).

Teve início, assim, o modelo de ofertas animais e de sangue: esse modelo foi perpetuado por Noé e por Abraão, Isaque e Jacó (Gênesis 8:20; 12:7, 8; 26:23–25; 31:54). Os sacrifícios de sangue eram essenciais na aliança mosaica com Israel (Levítico 16:1–34). O clímax desse sistema foi atingido quando um “corpo” humano foi “preparado” para que Jesus fosse “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29; Hebreus 9:12; 10:5).

Foi Deus quem deu a Noé instruções específicas para a construção da arca: o tipo de madeira, as dimensões, o número de pisos, as janelas e assim por diante. Noé foi elogiado por ter seguido o modelo (Gênesis 6:14–16, 22). Moisés, ao construir o tabernáculo, não trabalhou sem um “modelo” (*tabhnith* em hebraico; *tupos* em grego) dado a ele por Deus no monte (Êxodo 25:9, 40; 26:30; Hebreus 8:5).

Da mesma forma, o Senhor, “pelo Espírito”, deu a Davi uma planta do templo (1 Crônicas 28:12). Disse

Davi: “Tudo isto... me foi dado por escrito por mandado do Senhor, a saber, todas as obras desta planta” (1 Crônicas 28:19).

O próprio Davi não teve permissão para construir o templo, mas ele disse que “preparou” tudo para o templo, “com todas as suas forças” (1 Crônicas 29:2). Antes de passar a planta ao seu filho Salomão, ele mandou cortar as pedras conforme as dimensões prescritas e “preparadas nas pedreiras” (1 Crônicas 28:11; 1 Reis 6:7). O cuidado de Salomão em seguir o modelo foi tão preciso que “nem martelo, nem machado, nem instrumento algum de ferro se ouviu na casa quando a edificavam” (1 Reis 6:7).

O MODELO DADO POR DEUS NO NOVO TESTAMENTO

Deus sempre dá um modelo para o Seu povo imitar. Assim como Ele foi o arquiteto do templo de Salomão, também foi o Arquiteto de um outro templo, um construído por algo “maior do que Salomão” (Mateus 12:42). Jesus anunciou que Ele edificaria não uma estrutura física, não um prédio de igreja (“um edifício erigido para adoração pública”), mas um edifício feito por pessoas, do qual se escreveria: “edifício de Deus sois vós” (1 Coríntios 3:9). Conseqüentemente, o templo de Jesus não foi construído com “pedras preciosas” de mármore nem com “madeira de cedro” (1 Reis 5:17; 6:10), mas com “pedras que vivem” (1 Pedro 2:5). O “amor” é o cimento “que é o vínculo da perfeição” (Colossenses 3:14).

Que “edifício”! Todos os cristãos coletivamente têm o privilégio de dizer: “Somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles” (2 Coríntios 6:16; veja Efésios 2:20–22). Paulo escreveu aos cristãos: “o santuário de Deus, que sois vós, é

sagrado" (1 Coríntios 3:17).

É maravilhoso o fato de os cristãos serem o templo do Senhor não só coletivamente, mas também individualmente: o corpo físico de cada cristão é "santuário do Espírito Santo" (1 Coríntios 6:19).

Existe uma planta para este edifício estupendo? Assim como as instruções para o sacrifício de Abel, a arca de Noé, o tabernáculo de Moisés e o templo de Salomão vieram do céu, as especificações para o santuário espiritual de Deus, geralmente denominado "a igreja" também vieram do céu. Essas especificações foram enviadas do céu aos apóstolos de Cristo. Antecipando o "princípio" do cristianismo (30 d.C., Atos 2:1-47; 11:15), Jesus anunciou aos doze o modelo do Pai para a igreja: "Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado [gr.: *estai dedemena*] nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado [*estai lelumena*] nos céus" (Mateus 18:18).

Antes dos apóstolos dizerem ou escreverem qualquer coisa, o que eles disseram ou escreveram já havia sido dito nos céus pelo Pai ao Espírito Santo, o qual o Pai veio a enviar aos apóstolos em Jerusalém, no dia de Pentecostes (João 14:26; Atos 1:8; 2:1-4). O Espírito nada falaria "por si mesmo", mas aquilo que Ele tivesse ouvido o Pai dizer, essas coisas Ele "falaria" para guiar os apóstolos "a toda a verdade" (João 16:13).

Os apóstolos deveriam ser "embaixadores" (2 Coríntios 5:20) sentados em "doze tronos" (Mateus 19:28) durante todo o período da "regeneração" (Mateus 19:28). Eles receberiam "autoridade" do "céu" até "à consumação dos séculos" (Mateus 18:18; 28:20; veja 1 Tessalonicenses 2:6). A única maneira — desde o dia de Pentecostes, no ano 30, até a segunda vinda de Cristo — de distinguirmos "o espírito da verdade" do "espírito do erro" (1 João 4:6) é nos voltando para a "doutrina dos apóstolos" (Atos 2:42). O único lugar na terra onde

podemos encontrar a doutrina dos apóstolos, hoje, são nos vinte e sete livros do Novo Testamento. Pela vontade e sabedoria de Deus, o Novo Testamento está completo e finalizado, sendo imutável (2 Timóteo 3:17; 2 Pedro 1:3; Gálatas 1:8, 9; Judas 3).

A REJEIÇÃO DOS MODELOS DADOS POR DEUS

Alguns desprezam a idéia de recorrer ao Novo Testamento na tentativa de restaurar a igreja do primeiro século. Dizem: “Que igreja você quer restaurar? Jerusalém, com sua falta de zelo evangelístico? Ou a de Corinto com sua franca fornicação e embriaguez durante a hora da comunhão nos cultos?”

O Novo Testamento deixa claro o que Deus aprovou e o que Ele desaprovou em cada igreja local do primeiro século. Ele cita bons e maus exemplos, e está escrito de tal maneira que pessoas comuns, simples, são capazes de “discernir não somente o bem, mas também o mal” (Hebreus 5:14).

Embora o plano de Deus desde o princípio da humanidade tenha sido que os homens observem os Seus modelos, sempre houve homens rejeitando esses modelos, a começar por Caim (Gênesis 4:5–7). O orgulho do homem, vez após vez, o leva a desprezar as instruções dos céus e a fazer “o que acha mais reto” aos seus próprios olhos (Juízes 21:25). Jeremias pregou que “não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos” (Jeremias 10:23). A arrogância do ser humano argumenta o seguinte: “O homem é a medida de todas as coisas”¹.

A advertência apostólica “não sejais sábios aos vossos próprios olhos” (Romanos 12:16) geralmente é

¹ Atribui-se esta frase a Protágoro, um filósofo grego do quinto século a.C.

desconsiderada. O entendimento do próprio homem levou humanistas a escreverem: “Passou o tempo do teísmo”²; “nenhuma divindade nos salvará; temos de nos salvar a nós mesmos”³.

Alguns, mesmo crendo na existência de Deus, rejeitam Cristo. Alegam que a afirmação “a salvação só é possível por meio de Jesus” é “auto-virtuosismo”.

Outros, embora afirmem crer na existência de Deus e na salvação somente por meio de Cristo, renunciam ao modelo que exige obediência ao evangelho (2 Tessalonicenses 1:7–9)⁴. Um suposto pregador do evangelho escreveu: “Estou convencido de que o não-imerso sincero” será “salvo eternamente”.

Ainda há outros que, rejeitando todos os modelos, defendem que ninguém se perderá. Eles estão arriscando a alma com a noção de que Deus é bom e amoroso demais para mandar alguém para o inferno.

“Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?!” (Romanos 9:20a).

CONCLUSÃO

Deus proveu um modelo para nós hoje. Não sejamos como o aluno que ignora as orientações de seu professor e faz rabiscos sem significado. Em vez disso, sejamos aquilo que Deus idealizou para nós: pessoas que seguem o Seu modelo. A vontade de Deus é que ninguém pereça,

² “Humanist Manifesto I”, *The New Humanist*. Maio/Junho de 1933; reimpresso em Paul Kurtz, ed. *Humanist Manifestos I and II* (“Manifestos Humanistas I e II”). Buffalo, N.Y.: Prometheus Books, 1973, p. 8.

³ “Humanist Manifesto II”, *The New Humanist*. Setembro/Octubre de 1933; reimpresso em Paul Kurtz, ed. *Humanist Manifestos I and II* (“Manifestos Humanistas I e II”). Buffalo, N.Y.: Prometheus Books, 1973, p. 16.

⁴ Leia Romanos 6:17. juntamente com uma explicação dessa “forma de doutrina [ensino]” em 6:3 e 4.

mas que todos cheguem ao arrependimento (2 Pedro 3:9).

- **Pergunta:**

“Quando um exemplo apostólico é imperativo para nós?”

- **Resposta:**

Em se tratando de modelo divino, uma pergunta que surge com freqüência é: “Quando um exemplo apostólico é imperativo para nós, ou seja, quando deve ser seguido à risca?” As Escrituras são claras ao afirmar que aquilo que os apóstolos do Senhor ligaram ou desligaram deve estar ligado ou desligado até o Dia do Juízo (Mateus 16:19; 18:18). Quando observamos que os apóstolos deixaram exemplos de ensino no templo (Atos 2:46), numa escola (Atos 19:9), em casas (Atos 5:42) e também à beira de um rio (Atos 16:13), não precisamos perguntar: “Qual destes exemplos é imperativo para nós?” Podemos ensinar em qualquer um desses locais.

Deus quer que estudemos para aprender a Sua vontade (1 Timóteo 4:13; Efésios 5:17). Em alguns casos devemos julgar por nós mesmos o que é certo (Lucas 12:57). Todavia, quando a questão envolve um princípio divino, nessa ocasião e somente nela, o exemplo apostólico é imperativo para nós.

Um princípio é uma regra ou um padrão de ação. As Escrituras falam de “princípios elementares” (Hebreus 5:12; veja 6:1). Somos orientados a andar de conformidade com determinada “regra” ou “padrão” (Gálatas 6:16; Filipenses 3:16).

Lemos em Atos 2:38, 41 e 42 sobre os primeiros princípios definitivos e sobre os princípios para o aperfeiçoamento. Em outras palavras, este texto estabelece os princípios para uma pessoa estar em Cristo e permanecer em Cristo. A Palavra de Deus não oferece

alternativas a esses princípios. Portanto, neste caso, o exemplo apostólico é imperativo, ou válido, para nós.

Em Atos 2:44 lemos sobre como a igreja primitiva partilhava tudo em comum. Será que este é um exemplo imperativo para nós hoje? Não, pois Atos 5:4 especifica que entregar completamente os bens era opcional.

Em Atos 6, quando sete homens deveriam ser escolhidos para o serviço material da igreja, nem os apóstolos ousaram nomeá-los. O exemplo apostólico é que a igreja deveria selecionar os homens (Atos 6:3). Como os exemplos que encontramos em todo o Novo Testamento só apontam para um governo autônomo por parte de cada igreja local, esse exemplo apostólico é imperativo, ou seja, vigora até hoje. Não há alternativas oferecidas nas Escrituras para isto.

Em Atos 8:9–24, lemos sobre a lei pela qual um filho de Deus desviado deve voltar ao favor, ou graça, de Deus. Se lêssemos sobre outros métodos além do arrependimento e da oração, então não diríamos que o exemplo em Atos 8 é imperativo para nós. No entanto, nenhuma outra forma de procedimento é apresentada em nenhum outro trecho das Escrituras.

Em Atos 11:22 vemos que uma igreja pode cooperar com outra igreja mandando a esta um pregador do evangelho. Esse princípio pode ser mal empregado. Alguém pode dizer que a igreja beneficiada se enfraqueceria por depender de outras igrejas. Outro poderia dizer que a igreja ajudadora estava tentando ser importante demais. Não importa o que seres humanos digam, o exemplo apostólico ainda evidencia que é certo uma igreja ajudar outra em seu próprio trabalho. Todavia, deveríamos concluir que este exemplo é imperativo para nós? Em outras palavras, esta é a única maneira de uma igreja local ser edificada? Obviamente, não. Efésios 4:16 diz: "...todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa

cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor". Apesar disso, este exemplo é uma maneira também aprovada no Novo Testamento.

Atos 11 também nos dá outro exemplo, quando um grupo de irmãos enviou ajuda financeira à outra igreja ou igrejas. Alguém poderia argumentar que: 1) isso pode ser feito somente em caso de emergência, 2) que o alívio precisa ser somente para os irmãos, 3) que nenhuma forma de alívio pode ser usada fora dos limites específicos diocesanos ou da corporação e 4) que a ajuda deve ser entregue pelas mãos de irmãos. Esses raciocínios vão muito além da questão propriamente dita. Argumentar que uma igreja mandar dinheiro para outra destrói a autonomia seria dizer que a igreja em Antioquia perdeu a sua autonomia. Alegar que patrocinar é errado é dizer que os presbíteros da Judéia agiram errado. Eles patrocinaram um projeto de ajuda grande demais para os seus próprios recursos. O dicionário diz que um patrocinador é "aquele que assume, ou aquele a quem se delega, responsabilidade por uma pessoa ou coisa".

Ao folhearmos o Livro de Atos, vemos nos capítulos 13 e 14 que a igreja enviou pregadores e recebeu o relatório deles. Como não vemos nenhum exemplo de uma sociedade missionária, o exemplo apostólico da igreja sendo a sociedade missionária de Deus é o que está em vigor para nós. Em Atos 14:23 encontramos uma pluralidade de presbíteros em cada igreja. Como não encontramos nenhum outro exemplo nas Escrituras, este exemplo deve ser considerado como imperativo para nós.

Em Atos 18:3 somos informados de que Paulo fez tendas para suprir suas despesas. Seria este um exemplo imperativo para nós? Um pregador pode ter uma profissão como a de um carpinteiro ou deve ser totalmente mantido pela igreja? Com certeza, as

Escrituras esclarecem que os pregadores do evangelho têm uma opção nesta questão (1 Coríntios 9:11–14; 2 Coríntios 11:8). O exemplo apostólico de fazer tendas não é imperativo.

Em Atos 20:7–9, sabemos de uma reunião noturna no terceiro piso de uma casa, no dia do Senhor, com o fim de partir o pão. Há algum princípio que determina que as reuniões dos cristãos devam ser à noite?... ou no terceiro piso de um imóvel?... ou no dia do Senhor? Outras passagens bíblicas (Hebreus 10:25; Apocalipse 1:10) mostram que o que importa aqui é apenas o dia da semana.

Deus quer que aprendamos a discernir no Seu Novo Testamento entre princípios incidentais e princípios divinos.